

---

# Religiões e sexualidade no cenário brasileiro contemporâneo

Religião e sexualidade:  
convicções e responsabilidades.

---

GIUMBELLI, Emerson (Org.).

---

Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 181 p.

---

Tendo como objeto um seminário realizado pelo Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM) em parceria com o Instituto de Estudos da Religião (ISER), o livro debruça-se sobre questões e problemáticas que giram em torno das temáticas sobre religião e sexualidade. O Brasil contemporâneo é tomado como pano de fundo, pensando-se, especialmente, a diversidade religiosa que compõe o cenário nacional. A coletânea é composta pela transcrição do debate e das discussões ocorridas nesse evento que contou com profissionais da área das ciências sociais e humanas como debatedores e de pessoas vinculadas a movimentos religiosos como expositores.

O encontro foi organizado contemplando várias religiões, religiosos e militantes de causas em torno da temática proposta no evento, com três mesas, sendo uma delas dividida em dois momentos. O livro traz apenas as duas primeiras como foco da transcrição. De uma delas, intitulada "Religiões e seus posicionamentos" (Mesa I, 1.ª Parte), participaram um sacerdote franciscano, um representante da Igreja Episcopal Anglicana, um pastor presbiteriano e um representante do espiritismo, tendo como debatedor o antropólogo Rubem César Fernandes. Essa primeira parte da mesa contemplou várias perspectivas do cristianismo, com leituras diferenciadas.

A segunda parte dessa mesa contou com uma representante do grupo Católicas pelo Direito de Decidir, um representante da Igreja Presbiteriana Bethesda, uma representante das religiões afro-brasileiras e um representante do Movimento pela Sexualidade Sadia (MOSES) da Igreja Presbiteriana, tendo como debatedor o psicanalista Jurandir Freire Costa.

Encerrando as discussões apresentadas nesse livro, a mesa "Experiências e propostas

em redes religiosas" (Mesa II) teve a participação de um padre católico, responsável pela criação e administração de uma casa de apoio a pessoas soropositivas para o HIV, uma representante dos psicólogos e psiquiatras cristãos, um representante das ações das religiões de descendência africana em saúde e um representante do grupo de convivência cristã, tendo como debatedores Luis Felipe Rios e Liandro Lindner.

As propostas das mesas, mesmo girando em torno da temática das religiões e sexualidade, assumiram proporções diferenciadas, já que inseriram na discussão elementos e perspectivas diferentes. Enquanto na primeira parte da Mesa I houve a exposição de "teóricos" da religião (mesmo tendo papel ativo na execução dessas teorias), a parte II contou com a exposição de pessoas (e grupos) que põem em voga alguns dos pressupostos que guiam essas mesmas teorias. Já a Mesa II procurou discutir aspectos intrínsecos à prática e aplicação dos paradigmas, muitas vezes reinventando alguns desses pressupostos.

Como salienta o organizador da coletânea, Emerson Giumbelli, esses diferentes atores possibilitam a focalização em duas questões pertinentes da religião no cenário brasileiro: uma delas compreende a religião como posicionamento (ideologia) e a outra como instrumento de ação e intervenção social. Ora, se pensarmos que a religião é um importante campo nas configurações sociais, suas convicções, posicionamentos e atuações no campo da sexualidade irão influenciar, de alguma forma, nas configurações tanto vivenciais quanto políticas de organização e vivência desta. Ainda, temas polêmicos dentro do campo da religião foram trazidos à baila, em especial aqueles vinculadas à vivência das homossexualidades, bem como a questão do aborto, sendo esses temas de grande relevância também no cenário das configurações políticas do país. Assim, militantes, especialmente do movimento gay, foram convidados e estimulados a participar das discussões com o intuito de fornecer mais elementos.

Não cabe aqui apresentar detalhadamente os pressupostos que guiam cada uma das falas dos representantes das religiões ou de

outros palestrantes, mas apenas apontar similaridades e diferenças no contexto da produção de um discurso que, para além da esfera religiosa, irá influenciar na tomada de decisões, tanto na política do cotidiano (reprimindo ou liberando algumas práticas) quanto na política judiciária e deliberativa estatal. Isso se faz interessante na medida em que vivenciamos no Brasil um momento em que inúmeros representantes de setores religiosos se fazem presentes também na esfera legislativa e executiva da nação ou dos estados, influenciando assim diretamente na tomada de decisões sobre questões pertinentes aos cidadãos brasileiros.

Uma das semelhanças presentes nos debates dos religiosos diz respeito à ênfase dada à sexualidade como uma criação divina e, portanto, merecedora da atenção da religião. A pergunta feita por um dos debatedores é estimulante, na medida em que questiona o porquê da atenção a essas questões, já que a própria Bíblia (princípio que guia grande parte dos expositores) não menciona abertamente essas questões. O que está em voga não se trata apenas de uma concepção da sociedade e das relações humanas, mas, acima de tudo, de ideologias e princípios "filosóficos" que guiam determinadas ações. Assim, os escritos bíblicos, enquanto alvo de uma hermenêutica dos sujeitos religiosos, propõe questões que, dependendo do contexto histórico, serão enfatizadas, como ressaltam grande parte dos cristãos participantes do debate. Mas, ao mesmo tempo que o contexto sócio-histórico é lembrado, ele também é deixado de lado, pois algumas práticas cotidianas são tratadas como tabus e, algumas vezes, reinventadas.

"A naturalidade [em referência à questão da sexualidade] é tamanha que as escrituras sagradas não deram muita atenção à sexualidade; ela faz parte dos projetos de Deus e ponto" (p. 22), afirma o sacerdote franciscano na primeira exposição. Essa leitura, baseada na natureza da sexualidade enquanto elemento divino, é recorrente nas falas dos indivíduos cristãos no decorrer das exposições. Enquanto elemento sagrado, expresso no mundano, ela assume proporções diferenciadas dependendo do indivíduo. Ao mesmo tempo que pode ser benéfica, ela também pode ser maléfica. A dubiedade completa o demarcador da naturalização da sexualidade no discurso cristão (dos católicos aos espíritas, passando pelos protestantes), acionando elementos como pecado, normalidade e patologia.

O amor, enquanto sinônimo da sexualidade, é proposto enquanto realização plena desta, ora dando ênfase a um amor supremo, que transcende o ato (como no caso dos católicos), ora dando o tom da normalização do amor, através do matrimônio como para-digma máximo da expressão da sexualidade (dado pelo episcopal anglicano), ou ainda intensificando e afunilando a relação, ao colocar a relação heterossexual monogâmica como central na sua relação com o divino, seu criador (proposto pelo grupo MOSES, da Igreja Presbiteriana). É interessante que o discurso do amor é recorrente como forma de expressão máxima da sexualidade, dando ao prazer ou ao ato sexual papel secundário ou até mesmo inexistente.

Isso fica claro na medida em que setores das religiões, representados no seminário, propõem medidas de mudança da sexualidade, partindo do pressuposto de que existe uma sexualidade 'normal'. Os ministérios, bem como outros movimentos, afirmam possuir a propriedade, através da palavra "divina", da mudança na sexualidade de indivíduos homossexuais que assim se dispuserem. Porém, como bem lembrado pela platéia, não há nenhum questionamento quanto às condições estruturais que guiam as ações individuais (isso foi pautado por Luis Felipe Rios, ao refletir sobre as vulnerabilidades que trabalham com noções estruturantes do pensamento e da ação individual). O debate, nesse sentido, girou em torno das questões sobre a legitimidade das ações tanto das igrejas, com suas propostas 'salvacionistas' quanto dos ativistas homossexuais, com suas propostas 'libertárias'. O normal e o desvio, sob duas perspectivas diferenciadas, foram postos em voga de forma acalorada.

Outra questão trazida pela platéia foi a do *prazer e da liberdade de escolha*: questionando a ênfase dada pelos religiosos à heterossexualidade e à monogamia, é proposta outra forma de encarar a sexualidade. "A igreja têm a genitália no cérebro", frase pronunciada pelo representante da Igreja Presbiteriana Bethesda, é modular para pensar essa relação, já que aponta para o lado racional, mas ao mesmo tempo sagrado da sexualidade: é através das escrituras sagradas (sendo elas 'cruas' ou relidas pelo espiritismo) que serão definidas e denominadas as sexualidades humanas.

Isso é, de alguma forma, contraposto pelos cultos afro-brasileiros. Um representante dessa instituição conta o mito de Xangô, quando esse, ao escolher o local da genitália no corpo

humano, a insere, num primeiro momento, nos pés (e fica impressionado com a poeira), num segundo momento, embaixo do nariz (e não se contenta por causa dos odores), logo após embaixo das axilas (e não gosta pela transpiração), tendo, numa quarta fase, posto a genitália entre a cabeça e os pés – no meio das pernas. Aqui, o sagrado e o profano (o céu e a terra) podem servir de analogia, pois nesse setor das religiões também são quebrados estereótipos de masculino e feminino, bem como de sexualidades 'normais' e 'desviantes' (através, por exemplo, da Pombagira – que representa uma prostituta – e de Iansã – que mesmo tendo nove filhos não se restringe ao lar). Leitura diferenciada de realidade (e religiosidade) é acionada também pela platéia, tendo-se como exemplo o caso de uma lésbica que pega a palavra e diz-se participante das religiões afro por falta de aceite em outras seitas.

O plano das idéias exposto acima é suspenso no último momento do livro, e ações concretas são apresentadas como forma de reinvenção das culturas religiosas. Seja o padre católico que funda uma casa de apoio a pessoas soropositivas para o HIV, seja o grupo de católicas pelo direito de decidir (e suas reivindicações, dentro da própria igreja), seja os grupos de consciência homossexual formada

dentro dos pressupostos protestantes, todos esses segmentos demonstram como, ao mesmo tempo que a religião auxilia no processo de construção dos indivíduos, esses também são agentes ativos na reestruturação (e reinvenção) da própria tradição religiosa.

É aqui que aparece, de alguma forma, as novas configurações religiosas, pois, ao mesmo tempo que as 'leis' (enquanto diretrizes teológicas) apontam caminhos para o exercício da fé, elas também não engessam os indivíduos, sendo esses, em alguma medida, criativos no processo de vivência da religião. Não obstante, é importante considerar também as questões estruturais como as violências simbólicas e físicas muitas vezes cometidas por várias religiões contra pessoas que encaram e vivenciam a sexualidade de forma diferente da proposta pela doutrina 'maior'.

O debate é fértil. Ao mesmo tempo que as ideologias religiosas são reinventadas, elas estão sendo postas em prática. A prática e a própria filosofia (enquanto agentes imbricados) auxiliam tanto na elaboração de sujeitos quanto na elaboração de discursos e instrumentos de poder e dominação.

Felipe Bruno Martins Fernandes ■  
Universidade Federal de Santa Catarina